

Loucura em Quadrinhos: Uma análise da autobiografia em quadrinhos de um paciente psiquiátrica

DIEGO LUIZ DOS SANTOS¹

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a pesquisa de mestrado, ainda em fase inicial, intitulada “Artista louca e genial: Uma análise da autobiografia em quadrinhos ‘Parafusos’ de Ellen Forney”. O estudo tem como principal fonte a autobiografia em quadrinhos “Parafusos: Mania, depressão, Michelangelo e eu” escrita e desenhada pela quadrinista estadunidense Ellen Forney.

A pesquisa, que se iniciou em março de 2015, tem previsão de conclusão e defesa para fevereiro de 2017 e faz parte do projeto “Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura”, coordenado pela professora Dra. Yonissa Marmitt Wadi e é realizada no Laboratório de Práticas Culturais e Identidades da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), campus de Marechal Cândido Rondon.

A fonte em questão, o livro “Parafusos”, trata-se de uma *graphic novel*² lançada nos Estados Unidos no ano de 2012 e esteve entre a lista dos mais vendidos do jornal *New York Times* e foi apontado como “Livro em Quadrinhos do Ano” por alguns jornais e revistas norte-americanos como *Washington Post*, *Time Magazine*, *Entertainment Weekly* e *Publishers Weekly*³.

A obra chegou ao Brasil em outubro de 2014 pela editora Martins Fontes e com tradução de Marcelo Brandão Cipolla.

Em suas 256 páginas, Ellen Forney busca narrar sua vida a partir do momento em que foi diagnosticada como Bipolar, no ano de 1999, pouco antes de completar 30 anos de idade.

A autora nasceu em Seattle, estado de Washington, em 08 de março de 1968. Formou-se em Psicologia pela *Wesleyan University*, porém atua como quadrinista desde 1992 e ministra cursos de criação de quadrinhos no *Cornish College of the Arts*, em sua cidade natal. Trata-se de uma mulher de classe média-alta, com certa fama em seu país pelo seu trabalho

¹ Aluno de Mestrado pelo Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em História da Universidade Estadual do Paraná (Campus de Marechal Cândido Rondon).

² A expressão *Graphic Novel* (ou Romance Gráfico) foi usada pela primeira vez por Will Eisner em 1978, para designar seu projeto “Contrato com Deus” e indicar uma publicação em quadrinhos mais próxima de um livro, contendo narrativa mais longa e séria, diferente das tradicionais revistas. Para saber mais, indica-se o livro “Quadrinhos e Arte Sequencial” de Will Eisner.

³ BERNARDI, Tati. Crítica: Humor encanta em autobiografia da Loucura. Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1541397-critica-humor-encanta-em-autobiografia-da-loucura.shtml> acessado em 20/01/2015.

como quadrinista. Inclusive, duas de suas obras, intituladas “*I Love Led Zeppelin*” e “*Monkey Food: The Complete “I Was Seven in ‘75” Collection*” já foram indicadas ao Prêmio Eisner, considerado o maior prêmio das histórias em quadrinhos⁴.

Na autobiografia Ellen conta que, em um período em que não se sentia bem, passou a frequentar uma terapeuta. Após uma sessão de tatuagem em comemoração a chegada de seu trigésimo aniversário, a autora afirma ter passado a sentir uma euforia um tanto incomum e, por esta razão, sua terapeuta deixou de considerar seu estado como de “animação” e indicou-lhe uma psiquiatra. Em sua segunda consulta com a psiquiatra, Ellen é diagnosticada como sendo portadora do Transtorno Afetivo Bipolar (TAB), ou seja, uma condição psiquiátrica caracterizada por alterações de humor de difícil controle que se alternam em episódios de grande euforia e depressão em diferentes graus de intensidade⁵. Para um melhor entendimento sobre o transtorno, segue abaixo um breve panorama sobre as descobertas da medicina acerca do mesmo, no entanto, antes de tudo, é importante compreender os termos “Mania” e “Melancolia/Depressão”, que são frequentemente utilizados no que diz respeito ao TAB. De acordo com o psiquiatra Sérgio de Campos,

A melancolia se manifesta com tristeza profunda, limitação da vida ativa e profusão de auto-recriminações ou autocensuras e uma invasão sufocante de culpabilidade, segundo a psicanálise. Em contrapartida, a mania se destaca pela exaltação do humor, com tonalidade de alegria excessiva e incontrolada. (CAMPOS, 2010.)

As relações entre mania e melancolia são documentadas desde a antiguidade, no entanto, a bipolaridade só veio a ser amplamente discutida no século XIX, tendo a descrição de suas características disputada por dois psiquiatras na academia francesa: Baillarger que a denominou de “Loucura de forma dupla” (*folie à double forme*) e J. P. Falret, que em 1850, que apresentou sua teoria à Academia Francesa de Medicina chamando-a “Loucura Circular” (*folie circulaire*) (CAMPOS, 2010, p. 01).

Porém, até o fim do século XIX, “a maioria dos clínicos continuava a considerar a mania e a melancolia como entidades distintas, crônicas e com curso deteriorante”. (DEL PORTO, 2004. p. 04).

A partir de 1889, na Alemanha, ao reunir dados e estudar os diversos estados agudos

4 Informações sobre a autora extraídas da divulgação do livro “Parafusos”, no site “Quadro a Quadro” disponível em <http://quadro-a-quadro.blog.br/parafusos-mania-depressao-michelangelo-e-eu-memorias-em-quadrinhos-de-ellen-forney/> acessado em 10/01/2015.

5 Definição pela Associação Brasileira de Transtorno Bipolar. Disponível em <http://www.abtb.org.br/transtorno.php> acessado 15/02/2015.

da doença, Emil Kraepelin passou a descrevê-los recusando a ideia de mania e a melancolia como entidades isoladas (CAMPOS, 2010, p. 02). De acordo com Del Porto, os estudos de Kraepelin são tidos até hoje como uma referência. Segundo ele, Kraepelin lançou a semente do que, nos últimos anos, vem sendo chamado de "espectro bipolar" (DEL PORTO, 2004. p. 04).

Sérgio de Campos afirma que o TAB é dividido pela psiquiatria atual em quatro estâncias: Tipo I, Tipo II, Misto e Transtornos Ciclotímicos (CAMPOS, 2010, p. 02-03).

Na *graphic novel*, Ellen Forney afirma ser portadora do TAB Tipo 01. Segundo Sérgio Campos, os sintomas desse tipo consistem em:

Períodos de mania com humor elevado e expansivo, o suficiente para causar prejuízo no trabalho e nas relações sociais. O estado maníaco dura dias ou pelo menos uma semana. O período de depressão pode durar semanas a meses, podendo requerer hospitalização (CAMPOS, 2010, p. 02).

A obra em quadrinhos relata de uma forma bem-humorada a vida da autora após ser diagnosticada e como ela lidou sua condição atribuindo a si própria a alcunha do “louco criativo” conferido popularmente a diversos artistas renomados como Vincent van Gogh e a poetiza Sylvia Plath.

Este estudo insere-se à chamada “História da Loucura” por se tratar da análise da autobiografia de uma pessoa que alega ser portadora de um distúrbio psiquiátrico. Sendo assim, antes de abordar a trajetória desta pesquisa até então, é importante traçar um breve panorama acerca deste ramo historiográfico.

Pode-se dizer que a História da Psiquiatria passou a ser escrita no século XIX, porém, como uma forma de justificar as práticas de alguns médicos a partir do registro psiquiátrico. A partir de então, são verificadas três vertentes distintas de estudos sobre o tema: Tradicional, Revisionista e Cultural. Como a *graphic novel* “Parafusos” trata-se da obra autobiográfica, é possível afirmar que esta pesquisa se enquadra no terceiro grupo de pesquisadores acima mencionados, já que nessa perspectiva cultural, o “louco” que outrora fora considerado ilegítimo para falar, sob alegação de falta de coerência em seus dizeres, agora passa a ter voz e sua experiência é levada em conta pelos historiadores. No artigo “A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil”, as pesquisadoras Ana Teresa Venancio e Janis Alessandra Cassilia afirmam que:

Nos estudos em que a psiquiatria é vista como saber e prática histórico-cultural, a doença mental pode ser compreendida em suas várias representações e possibilidades: como experiência de vida, como expressão de diagnósticos diferenciados de representações de Pessoa e de mundo (VENANCIO et all, 2010, p. 26).

Seguindo esse pressuposto, a Historiadora Yonissa Wadi, afirma que a utilização dos textos dos “loucos” como fontes da História “vem permitindo, assim, tirar os loucos das margens da historiografia” (WADI, 2011, p. 263).

O livro “Parafusos” torna-se relevante ainda pelo fato de a própria autora assumir, em sua obra, a alcunha de “louca” e por divulgar em certas páginas algumas memórias pessoais como recortes de diários e jornais, reproduções fotográficas e de blocos de desenho que, segundo ela, foram feitos em momento de crise. Por estas razões o resultado de sua obra deve ser levado em conta como uma importante fonte, principalmente por sua abordagem sobre o debate psiquiátrico em uma autobiografia narrada e ilustrada num livro em quadrinhos, um meio midiático de grande circulação e, ainda assim, uma fonte rara na Historiografia da Psiquiatria. Além disso, por se tratar de um relato contemporâneo, este estudo também tem como objetivo atender a uma necessidade, já mencionada por Yonissa Wadi:

Pode-se afirmar também que são poucos os textos sobre a história mais recente da loucura, produzidos por historiadores de profissão. Porém, tais reflexões não o são quando se volta o olhar para a produção de sociólogos, antropólogos e profissionais das diversas ciências ‘psi’ (psicólogos, psiquiatras, psicanalistas) ou ainda para o campo da enfermagem ou do serviço social. (WADI, 2009, p. 70)

Ao analisar a obra, em uma primeira observação, o que mais chamava a atenção era a questão de a autora atribuir a si própria o título de artista “louca genial”, tal qual a diversos conhecidos artistas. Essa auto-intitulação fica evidente na página 22 do livro quando, pouco após o diagnóstico, Ellen exclama frases como “Eu era, oficialmente, uma artista louca” (Forney, 2014, p. 22). Além disso, em diversos momentos da obra ela faz alusão a um clube imaginário formado por artistas loucos, chamado “Clube Van Gogh”. Ainda na página 22, ela ilustra um cartão do mesmo clube, contendo o desenho de uma noz, seu nome logo abaixo do nome do clube e o slogan “o verdadeiro artista é o artista louco” (Forney, 2014, p. 22). Do mesmo modo, em diversos momentos do livro, a autora menciona sua investigação pessoal acerca de inúmeros autores que foram considerados portadores de algum transtorno psiquiátrico, especialmente o pintor Van Gogh.

No artigo “Van Gogh e o uso das artes na prática de reabilitação em saúde mental”, os

especialistas em “arte terapia” Rubem Abrão da Silva, Cristiane Myrian Drummond de Brito e Carla Viviane Gerog Dressler alegam que:

No começo do século XX exposições de artes “psicopatológicas” passaram a prender a atenção do público. As imagens produzidas em hospitais psiquiátricos começaram a ganhar reconhecimento como poderosos símbolos visuais capazes de identificar seus donos com o mundo das artes. (BRITO; DRESSLER; SILVA, 2011. p. 10)

Possivelmente seja em decorrência dessa atenção do público, mencionada pelos autores acima, que hoje as relações entre saúde mental e habilidades artísticas são constantemente exploradas pela mídia⁶, principalmente no que diz respeito a Van Gogh. Mesmo que seus trabalhos não tenham sido criados dentro de um hospital psiquiátrico, pode-se dizer que, por meio de sua autobiografia, Ellen faz usufruto dessa relação (transtorno mental e arte) em favor de afirmar-se como uma “louca criativa”.

Nas páginas 40 e 41, ela reproduz as páginas do livro “Tocados pelo Fogo: A doença maníaco-depressiva e o temperamento artístico” de Kay Redfield Jamison⁷. As páginas ilustradas trazem o título: “Apêndice B: Escritores e Artistas que provavelmente tinham distúrbio Maníaco-Depressivo ou distúrbio de depressão grave” e logo abaixo, uma lista com 23 artistas plásticos, 25 poetas e 23 escritores portadores de transtornos mentais, dos quais, segundo a legenda indicada, muitos estiveram em algum hospital psiquiátrico e outros tentaram ou cometeram suicídio. Abaixo das listas, uma observação afirmando que a lista no livro de Jamison é mais de duas vezes mais longa que a versão ilustrada por Forney. Enquanto as imagens mostravam o livro, os balões de fala afirmavam as preocupações de Ellen: “Lendo a lista, eu me sentia uma voyeuse⁸. Essas pessoas tinham a vida íntima devassada? Será que eles próprios sabiam?” (FORNEY, 2014. p. 40). Nas páginas seguintes da *graphic novel*, Ellen é retratada lendo o mesmo livro e os balões que indicam seus pensamentos apresentam os seguintes questionamentos:

Afinal, “artista louco” não será apenas um estereótipo? Será que seu humor afetava seu trabalho? Como “eles” sabem que essas pessoas eram loucas? Será que isso era

⁶ Principalmente em alguns sites de entretenimento, como na matéria “The Dark Side of Creativity” disponível em <http://edition.cnn.com/2014/01/22/world/the-dark-side-of-creativity-vincent-van-gogh/> acessado em 18/05/2015 e “Relembre 10 gênios com transtornos mentais” disponível em <http://super.abril.com.br/galerias-fotos/relembre-10-genios-transtornos-mentais-716178.shtml#0> disponível acessado em 10/04/2015.

⁷ JAMISON, K. R. **Touched with Fire: Maniac-Depressive Illness and the artistic temperament**. Nova York: Simon & Shuster, 1993. Uma versão em português foi publicada em 2007 pela editora Pedra da Lua de Lisboa (Portugal).

⁸ De acordo com o dicionário Michaelis, voyeuse é “Feminino de voyeur, pessoa que se entrega à prática do voyeurismo”.

até um elemento necessário para elas brilharem?... Como um super poder? Tínhamos alguma ligação? Temos? Será que uma espécie de aperto de mãos secreto? Se eles não se medicavam, talvez eu também não deva me medicar. Se me tratar, estarei anulando a possibilidade de fazer meus melhores trabalhos? Quem é louco-brilhante e quem é simplesmente louco-louco? Meu Deus, olha todos esses ícones de “suicídio” (FORNEY, 2014. p. 42-43).

Nota-se na transcrição acima que Ellen já atribui a si própria o título de “artista louca”. A frase “Tínhamos alguma ligação? Temos?”, demonstra que a autora se coloca no mesmo patamar que os artistas da lista mencionada, como Van Gogh, Michelangelo e Edvard Munch.

Com base nisso, um dos questionamentos que moviam esta pesquisa pautava-se nas questões relacionadas a “identidade”, ou seja, buscava-se investigar as razões que levaram Ellen Forney a narrar suas experiências após o diagnóstico em uma obra em quadrinhos autobiográfica, afirmando-se como uma “louca criativa”. No entanto, no decorrer da análise e após produtivos debates acerca do tema⁹ sua problemática acabou se remodelando e dando lugar a novas perguntas, principalmente acerca da alcunha assumida pela artista ao assumir-se como “louca”. Afinal, o que outorga este título à Ellen Forney? A própria loucura ou simplesmente o diagnóstico?

Tal questionamento surge pela observação de que na autobiografia não há menção a qualquer resistência ao diagnóstico recebido. Nas primeiras páginas da obra, Ellen afirma que durante uma sessão com sua psiquiatra, ela menciona ter “tendências bipolares”, tal qual sua mãe. Após isso, ambas consultam um exemplar do quarto volume do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)¹⁰. Entre as páginas 15 e 18 do livro, a autora descreve cada sintoma do TAB contido no DSM e a cada descrição, ilustra nos quadrinhos algum episódio de sua vida relacionado com tal sintoma. Após diversas comparações, nas páginas 19 e 20, a protagonista demonstra assumir, sem qualquer contestação, o diagnóstico que lhe acabara de ser conferido afirmando:

Minha personalidade única e brilhante estava nitidamente delineada naquela pilha inanimada de papel. Minha personalidade refletia um transtorno partilhado por um grupo de pessoas. A ficha caiu como se o sol se escondesse atrás das nuvens. Como se eu fosse um papagaio na gaiola e um cobertor fosse colocado sobre mim. Como

⁹ Elaborações estas, possíveis a partir da orientação de Yonissa Wadi, além das colaborações de Ana Venâncio, Cristiana Facchinetti e de outros presentes nos debates do Simpósio Temático “História da Loucura, da Psiquiatria e das Instituições de Assistência” no XXVIII Simpósio Nacional de História.

¹⁰ A edição consultada trata-se do *American Psychiatric Association: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, quarta edição, texto revisto (Washington, DC: American Psychiatric Association, 2000, p. 362).

um estereograma do olho mágico que revelasse uma imagem clara e refutável em 3D. Você é Louca. (Forney, 2014, p. 20)

É importante mencionar que Ellen já possuía uma formação em psicologia e, como afirma na página 15, já conhecia o DSM. No entanto, no campo das ciências médicas e humanas, há um recorrente debate a respeito da confiabilidade do Manual. No artigo “Classificando pessoas e suas terminações: A ‘Revolução Terminológica’ do DSM III”, Jane Russo e Ana Venâncio traçam um panorama acerca dos interesses envolvidos por trás de cada edição do Manual. De acordo com as autoras, a partir de sua terceira versão, em decorrência de interesses farmacológicos, o DSM traz um alargamento de “possibilidades diagnósticas, com um sistema classificatório que busca dar conta de todas as perturbações possíveis do comportamento humano” (Russo; Venâncio, 2004, p. 475). Ou seja, graças a essa diversa gama de sintomas descritos no Manual, simples problemas do cotidiano acabam por ser relacionados a transtornos mentais¹¹.

Vale ressaltar que o embasamento de tais questionamentos não se sustenta em discutir se Ellen carrega ou não um estigma mental, mas em ponderar sobre a influência do “diagnóstico”, tanto no período narrado (fins dos anos 90) quanto no período da publicação do livro (2012), por meio da análise da arte autobiográfica de uma mulher que apropriou-se de um diagnóstico, assumindo sem qualquer resistência a alcunha de “louca”. A forma como o processo de diagnósticaçã de Ellen é descrito na obra nos remete as considerações de Venâncio, ao afirmar que:

(...) Hoje cada um é capaz de encontrar seu próprio transtorno. A extrema banalização do diagnóstico psiquiátrico, se por um lado contribui para diminuir o estigma associado à doença mental, favorece ao mesmo tempo e na mesma proporção uma penetração intensa da psiquiatria e de sua lógica no dia a dia das pessoas.

Como se pode observar, este trabalho ainda se encontra em fase preliminar e requer uma minuciosa análise sobre a obra em questão, além de uma longa investigação acerca do tema. A partir dessa nova problemática a pesquisa tem muito a contribuir a História da Psiquiatria e principalmente aos estudos relacionados àquilo que o psicanalista Joel Birman

¹¹ O manual abordado na obra “Parafusos” trata-se do DSM IV. Russo e Venâncio afirmam que, comparando-se ao volume anterior, observa-se no DSM IV a “inclusão constante de novos diagnósticos ocorrendo paralelamente à produção de novos medicamentos” (Russo; Venâncio, 2004, p. 466).

chamou de “psiquiatrização”, ao abordar sobre a transformação de “indivíduos normais” em “indivíduos performáticos” (BIRMAN, 2014, p. 36).

FONTES

ADAMS, William Lee. **Dark Side of Creativity**. disponível em <http://edition.cnn.com/2014/01/22/world/the-dark-side-of-creativity-vincent-van-gogh/> acessado em 15/05/2015.

Associação Brasileira de Transtorno Bipolar – Site Oficial. Disponível em <http://www.abtb.org.br/index.php> acessado em 05/06/2015.

BERNARDI, Tati. **Crítica: Humor encanta em autobiografia da Loucura**. Folha de São Paulo. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1541397-critica-humor-encanta-em-autobiografia-da-loucura.shtml> acessado em 20/01/2015.

Crítica da obra “Parafusos: Mania, depressão, Michelangelo e eu” de Ellen Forney, pelo site “Quadro a Quadro”. Disponível em <http://quadro-a-quadro.blog.br/parafusos-mania-depressao-michelangelo-e-eu-memorias-em-quadrinhos-de-ellen-forney/> acessado em 10/01/2015.

FORNEY, Ellen. **Parafusos: Mania, depressão, Michelangelo e eu – Memórias em quadrinhos de Ellen Forney**. Tradução Marcel Brandão Cipolla. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes. 2014.

Relembre 10 gênios com transtornos mentais. Disponível em <http://super.abril.com.br/galerias-fotos/relembre-10-genios-transtornos-mentais-716178.shtml#0> acessado em 15/05/2015.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. Drogas, Performance e Psiquiatrização na Contemporaneidade. In: **Ágora**. V. XVII. Número Especial. P. 23-37. Ago/2014.

CAMPOS, Sérgio. **Considerações acerca do transtorno afetivo bipolar**. [online]. 2010. Disponível em <http://www.institutopsicanalise-mg.com.br/psicanalise/almanaque/textos/numero3/5.Bipolar%20z.pdf> acessado em 15/05/2015.

DEL PORTO, José Alberto. **Evolução do conceito e controvérsias atuais sobre o transtorno bipolar do humor**. Rev. Bras. Psiquiatria. [online]. 2004, vol.26, suppl.3, pg. 3-6. ISSN 1516-4446. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-44462004000700002>

RUSSO, J. VENÂNCIO, A. Classificando as pessoas e suas perturbações: A “Revolução Terminológica” do DSM III. In: Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., IX, 3, p. 460, 483. Set/2006.

VENÂNCIO, Ana T; Cassilia, Janis A. P. A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil. Revista Espaço Plural. Ano XI . Nº 22. 1º Semestre 2010.

WADI, Y. M. **Uma História da Loucura no Tempo Presente**: os caminhos da assistência e da reforma psiquiátrica no Estado do Paraná. Revista Tempo e Argumento. Florianópolis, v.1, n.1, p 68-98, jan./jun. 2009.

WADI, Y. M. **Entre muros**: os loucos contam o hospício. Topoi (Rio de Janeiro), v.12, p.250-269, 2011.